



Portrait of Sophie Calle in 2018 in her show 'Souris' Calle at Perrotin Paris ©Claire Dorn ©Sophie Calle/ADAGP, Paris, 2023. Courtesy Perrotin

Calibán -  
RLP, 21(1),  
229-237  
2023

## “Entendi imediatamente que esse senhor – meu analista – precisava de histórias”\*

Uma conversa com Sophie Calle

### O olhar ocupa um lugar central em seu trabalho, não?

Meu trabalho trata da ausência, do que não se pode ver, do que se foi. Sim, também fala do olhar, mas não sei se é tanto o olhar quanto o estar aí sem nenhum tipo de reciprocidade – uma relação sem reciprocidade. Se eu tivesse que apontar uma linha que percorre todo o meu trabalho, seria aquilo que não está aí.

### Vejo uma contradição nisto: a psicanálise tem a ver com a ausência tanto quanto com a intimidade. Mas você tem seu próprio método de abordar as duas. Você se sente muito distante da psicanálise?

Não me sinto distante, nem me sinto próxima.

É indiferente...

\* Entrevista realizada em Paris, por Mariano Horenstein, em 8 de abril de 2019.

Sim... nunca... bom... Eu, às vezes, no trabalho que faço... As pessoas fazem análise para se sentir melhor? Às vezes, mas não necessariamente...

Por que as pessoas fazem análise? Acho que é porque sofrem e querem se sentir melhor. Quando eu quero me sentir melhor, faço um projeto. Ainda que de fato não o faça para me sentir melhor... Se quero me sentir melhor, não sei... saio de férias.

Uma vez fui a um psicanalista durante três ou quatro meses, por engano. Vou te contar a história. Meu pai era médico, dirigia um hospital e estava obcecado com a ideia de que eu tinha mau hálito. Mas nem meu namorado nem meus amigos pensavam assim. Portanto, era claramente um problema de meu pai... Ele estava obcecado.

Um dia me disse que tinha marcado uma consulta para mim no hospital e, como eu o amava e não queria contrariá-lo, disse que tudo bem, que iria. Naquela época, eu costumava dormir na casa de uma amiga que era psicanalista em Paris. Conteí que tinha uma consulta com um médico generalista no hospital e ela me respondeu: “Mas esse não é um hospital. É justamente um lugar para fazer análise”. Eu disse que não, que não era possível, porque meu pai parecia ter alergia à psicanálise. Então liguei para ele e perguntei: “Você marcou uma consulta com um psicanalista para mim?”. E ele respondeu: “Não, não, não, com um *generalista*, para seu hálito”.

### Um ato falho de seu pai.

Meu pai pensou que era um generalista. Entendeu mal quando perguntou ao médico: “O que você faz?”. Ele deve ter respondido que era psicanalista, e meu pai entendeu que tinha dito generalista... não sei. Assim, quando compreendi que estava num lugar de psicanálise, eu disse ao homem: “Sinto muito de verdade. Estou aqui porque meu pai pensa que tenho mau hálito. Achei que você era um médico generalista. Foi um engano. Não vou fazer você perder seu tempo”. Ao que ele contrapôs: “Você sempre faz o que seu pai pede?”.

### Essa é uma boa pergunta...

Claro! E eu disse que sim. Tinha 26 anos. Respondi: “Sim, por que não?”. Então me perguntou: “Mas não gostaria de ficar?”. Mais adiante entendi por que ele queria que eu ficasse. Esse homem estava exausto, porque se tratava de um lugar para gente realmente louca. Eu olhava as pessoas na sala de espera, e elas claramente não estavam ali por diversão. Tinham sérios problemas. Acho que o homem percebeu que seria uma boa ocasião para relaxar um pouco com alguém diferente. Eu disse: “Há um grande problema: não tenho dinheiro nenhum, não posso pagá-lo”. E ele: “Mas você não está bem, e este é um lugar de atendimento gratuito em Paris”. A seguridade social pagaria. Então eu disse: “Me dê um bom motivo para eu ficar”. E ele: “Vai ser interessante”. Curioso: isso é algo que você também me disse. Eu disse que não queria fazer esta entrevista, e você me escreveu: “Você deveria fazer porque poderia aprender algo”. De certo modo, me disse a mesma coisa que ele: “Aceite a entrevista porque talvez aprenda algo”. Ele me disse: “Vai ser interessante”.

## E foi?

Foi, foi. Mas de uma maneira muito egocêntrica. É que eu tinha a consciência pesada cada vez que ia vê-lo, uma vez por semana. Dois tipos de peso na consciência. Um deles era o fato de a seguridade social francesa estar pagando aquelas sessões, e eu pensava que havia casos mais importantes, mais sérios, e foi isso o que me fez abandoná-lo depois de três meses. Minha consciência também ficava pesada porque eu não fazia nada, não preparava as sessões. É como se você contratasse uma faxineira – meu caso – e cada vez que ela viesse você limpasse tudo antes para ela não encontrar a casa suja. Bom, com o psicanalista eu tinha peso na consciência por ficar ali parada, sem saber o que dizer. Então comecei a me preparar para o encontro como quem se prepara para uma prova. E aí passei a escrever... Procurei em minha memória coisas que tinham marcado minha vida e comecei a fazer as histórias que integram *Des histoires vraies*,<sup>1</sup> as menores...

## True stories...

Eu as fiz para ele. Porque eu tinha que dizer algo quando ia vê-lo. Eu me sentava e tinha que contar histórias para ele... Entendi imediatamente que esse senhor precisava de histórias.

## Você inventou essas histórias para seu analista.

Não. A princípio, eu as buscava na memória, buscava momentos de minha vida para contar algo a ele.

## Era o analista que estava mais interessado em te receber do que você em ir...

Acho que sim, mas quando fiz isso me dei conta de que também era interessante para mim, porque me obrigava a buscar coisas em minha memória. Não me importava o interesse psicológico, mas percebi imediatamente o interesse literário. Agora, quando algo me acontece, na hora já sei que posso utilizá-lo para uma história. Todas as histórias anteriores a 1981 que conto nesse livro foram, de certa forma, para ele.

## Para ele... Você sabe que os artistas em geral, e você em particular, despertam certo fascínio. O analista estava mais interessado em te atender do que você em ir. Isso não é bom para a psicanálise.

Mas não fazíamos uma coisa clássica. Sabíamos que era um parêntesis para ambos. Eu não ia por mim, ia porque, quando algo acontece, gosto de segui-lo, prová-lo... Era uma experiência agradável, e o homem era um velhinho encantador. Era algo que eu sabia não incidir de fato em minha liberdade. E estar antes da sessão naquela sala, com gente totalmente louca esperando, também era uma experiência.

1. Calle, S. (2009). *Histórias reais* (H. S. Lencastre, trad.). Agir. (Trabalho original publicado em 1994)

Uma vez fiz uma exposição na casa de Freud em Londres. Me convidaram a mostrar minhas obras, e eu levei objetos de minha vida a partir dos quais as histórias nasceram. Por exemplo, para contar a do vestido de noiva, levei realmente o vestido, não uma foto; para a história sobre o roupão, mostrei o próprio roupão. Todos os objetos que aparecem nas histórias do livro foram expostos ali, sobre o divã de Freud, misturados a suas coisas. O público de Freud, essencialmente visitantes americanos, ficou horrorizado por me deixarem tocar suas coisas...

## Um sacrilégio...

Total, total. Não era um problema para quem ia me ver, mas para os americanos era um sacrilégio completo. Justamente porque a casa não atraía muito público, começaram a convidar artistas como eu para expor suas obras, e com isso bastante gente foi conhecê-la.

Para mim havia duas ou três coisas especiais ali. Uma era o divã, porque, embora eu não faça análise, o divã é o divã, sei o que é. Pôr meu vestido no divã de Freud me parecia divertido. Também gostava de um pequeno armário que se encontra ao subir as escadas, meio aberto... Pendurei ali o sobretudo de Freud, seu chapéu...

## Você se vestiu como Freud.

Sim, consegui o mesmo sobretudo, na verdade. O chapéu, não, não pude encontrá-lo. O que usei era meu. Mas o sobretudo era o mesmo.

## É evidente que você está presente em muitos de seus trabalhos, protagonizando-os. Mas você também fez trabalhos fictícios sobre sua mãe, sobre o término de um relacionamento... Acreditamos saber coisas a seu respeito, e não é assim. É uma ficção.

É uma ficção, mas é que tudo na vida é uma ficção. Se penso em meu dia, hoje, e conto apenas esta hora entre nós, e não conto o antes nem o depois, é também uma ficção, uma história. Tudo é uma ficção. Meu filme *No sex last night* conta a história de um ano. Tínhamos filmado 16 horas e fizemos um filme de uma hora e meia. Era uma ficção. Escolhemos falar da ausência de sexo ou da viagem; não falamos da família, não falamos de... Podíamos fazer 10 filmes, todos reais, verdadeiros, e todos diferentes, dizendo coisas contrárias, todas verdadeiras. Tudo é uma ficção.

## Mas você sabe que produz uma sensação de intimidade exposta.

De permitir que o público me conheça, sim, sim. As pessoas sempre me dizem: “Oh, você não sabe nada sobre mim, mas eu sei tudo sobre você” [risos], mas... na verdade não sabem quase nada sobre mim, porque eu evito entrevistas, pelo menos as que me parecem estúpidas, essas em que perguntam “Do que é que você gosta na sua vida?” ou “Que roupa te encantou em Paris?”. Eu nem respondo. Não quero que as pessoas saibam que bares frequento ou o que é que estou lendo.

Fiz isso uma vez, mas só para brincar. Me questionaram o que aconteceria se um homem entrasse em meu banheiro e me encontrasse completamente nua. Me perguntaram: “Nessa situação, do que é que você mais gostaria?”. E eu respondi: “De minha surpresa”. Eu nunca diria qual parte de meu corpo me agrada ou qual não. Quero dizer... Nem sequer posso imaginar...

**Você faz as pessoas acreditarem que te conhecem, quando na verdade preserva sua intimidade.**

Bom, acreditam que me conhecem, mas eu não deixo.

**Seu trabalho gira em torno disso, mas você preserva sua intimidade com mais força que muita gente que mostra a própria vida no Facebook.**

Não tenho Facebook, Twitter nem Instagram.

**Ao se mostrar, você se protege muito.**

Bom, nunca achei que meu trabalho girasse em torno de minha vida. Talvez seja o que as pessoas sentem, mas para mim não tem nada a ver com minha vida. Não tenho nenhum problema em contar algo de minha vida se for para um projeto. Há histórias, momentos, que contam muito pouco, sabe? Como o fato de que minha mãe tinha um amante... Não tenho nenhum problema em contar isso se for necessário para uma história, mas não gosto de contar minha vida. Eu uso minha vida.

**Mas em seu trabalho há certa verdade, há algo nele que é real.**

Tudo é real, mas...

**Mas você também disse que tudo é ficção.**

É real e é ficção. É real porque aconteceu, não é uma invenção, e é ficção porque é um momento concreto que isolei, não é minha realidade. Isso é algo que aconteceu, mas é minha vida?

**Há algo de ficção em fazer um recorte, um recorte no tempo, por exemplo. Mas há ficções que são poderosas, que captam algo da verdade, e ficções que não dizem nada. Há ficções mais próximas a algo verdadeiro que outras.**

Bom, a questão é como a gente usa a palavra *ficção*...

**Como você a usa?**

Eu dizia ficção porque a questão quanto a se algo é verdadeiro ou falso está aí. As pessoas perguntam: “É verdadeiro ou falso?”

**Na psicanálise não importa se algo não é verdadeiro.**

Mas quando as pessoas estão diante de meu trabalho, importa sim. Sempre querem saber se é real, se realmente aconteceu. Elas têm obsessão por isso.

Mas para mim isso não interessa muito. Eu faço minhas histórias. O máximo que posso dizer é quando aconteceu tal coisa, mas contá-la significa contá-la sem o contexto, tomando um momento, transformando-o numa história. Quando fiz o trabalho *Douleur exquise*, contei todos os dias minha história e vi como a cada dia ela ficava mais fria, mais curta, como pouco a pouco esquecia a história e se transformava em *uma* história. No final, não sabia se contava minha história ou se tinha inventado minha história, porque percebi que, quando eu dizia algo, as pessoas riam ou choravam. Inventei minha própria história através da repetição. Era minha história, a verdade, mas pouco a pouco minha história se transformou numa ficção.

**Você não acha que há algo artificial também nessa diferença? Quando alguém pensa que está contando uma história verdadeira, muitas vezes, sem querer, mente, e quando alguém inventa uma mentira, muitas vezes, sem querer, conta uma verdade.**

Por isso, por isso eu digo que é e não é verdade. É algo entre... Porque, se você conta uma história, já toma distância, já é uma ficção.

**Mas é como se seus trabalhos fossem, nesse sentido, artifícios capazes, ao mesmo tempo, de contar algo verdadeiro porque ecoam, ecoam como algo verdadeiro. Verdadeiro não porque aconteceu efetivamente com você, mas porque toca em algo da verdade que nos diz respeito, não?**

Quando apresentei o filme sobre minha mãe morrendo, todas as pessoas choraram. Não conhecem minha mãe. Choravam por suas mães, suas ausências, seus mortos, seus não sei quê... Por isso digo que não falo de minha mãe nem de minha vida.

**Que lugar você acha que ocupa para as pessoas quando é capaz de provocar isso, de fazer algo que emociona tanto? Em que lugar você se situa como artista? Vive isso com estranheza?**

Eu vivo. Não sei.

### **Não é preciso explicar tudo.**

Não explico. Conto minhas histórias. Não sou uma intelectual. Não analiso o que faço. Eu já faço, o que é alguma coisa.

### **E como é sua relação com os escritores? Porque você travou relação com Paul Auster e Enrique Vila-Matas.**

Sim, mas foi para projetos concretos. Fui ver os dois para um projeto específico.

### **Foi sua a ideia de vê-los? Foi você quem os procurou? Você pediu a Vila-Matas que escrevesse um personagem...**

Sim, sim. Ele contou a história a partir de seu ponto de vista.

### **Você poderia contar essa história narrada por Vila-Matas?**

Pedi a ele que escrevesse minha vida. Eu queria me tornar o personagem de um romance. Já tinha feito essa proposta a Paul Auster, que não a aceitou. Pedi isso a vários escritores, mas disseram que não. Queria fazer o contrário do que Paul Auster tinha feito em *Leviatã*, em que ele criou um personagem inspirado em mim. Sugeri que ele fizesse o contrário, que escrevesse um romance sobre uma mulher chamada Sophie, francesa, e que inventasse tudo. Eu disse: “Te dou um ano de minha vida, e depois farei tudo o que você inventar sobre mim, ao contrário do que acontecia em seu romance”. Mas Auster não aceitou porque lhe pareceu demasiada responsabilidade. Os outros também recusaram. Era muito difícil para eles construir uma história sem...

### **Seguir instruções.**

Sim, e além disso transformar a história num romance, num bom romance que não fosse uma lista de tarefas para mim.

### **Seria o roteiro para um ano na vida de Sophie Calle.**

Sim, a ideia era que eles conseguissem um bom romance e eu algumas instruções para seguir. Então entrei em contato com Enrique Vila-Matas, de quem tinha lido algo num de seus livros, sobre inventar ficções, que coincidia com minha ideia. Nos encontramos em Paris, e ele aceitou o desafio. Oito dias depois, me mandou um pequeno romance sobre mim. O problema é que nessa época minha mãe estava morrendo. Então escrevi a ele: “Perdão. Não sabia que você ia ser tão rápido, e agora não posso cumprir minha parte do trato. Em seu livro, você me pede que eu viaje, e agora não posso, minha mãe está morrendo”. Ele não acreditou... Pensou que eu tinha pregado uma peça nele.

### **Pensou que era parte da ficção.**

Claro, mas quando minha mãe finalmente morreu, pude provar isso, e ele viu que eu tinha dito a verdade, acreditou em mim. Logo depois me convidaram para a Bienal de Veneza, que era muito importante para mim, e eu tinha que ir, não podia me dedicar ao projeto com Vila-Matas, que ia durar um ano... Tive que dizer *não* para ele de novo, e então ele se irritou, com razão, porque, se eu não cumpria minha parte, ele não podia continuar. Pedi perdão e disse para fazer o que quisesse com a história. Ele a transformou no livro *Porque ela não pediu isso*. Entendi ele ter se irritado comigo, mas o fato é que eu não estava saindo de férias. Eu entendi o lado dele, mas não sei se ele entendeu o meu.

Mais tarde, como não conseguia tornar realidade minha ideia com um escritor, consegui com uma vidente. Fui consultar uma e lhe perguntei: “Onde você me vê no futuro?”. Ela me viu em determinados lugares, e depois eu fui lá. Assim, como não pude usar o cenário dos escritores, utilizei o da vidente. Ela me viu em três lugares diferentes.

### **E você tornou realidade o futuro que ela adivinhava.**

Sim. Eu ligava para ela, ia ao lugar em que tinha me visto e lhe dizia: “Agora há um hotel amarelo à esquerda e um vermelho à direita. Em qual eu fico?”. Ela tirava as cartas e me dizia pelo telefone: “No da direita”. O terceiro lugar não deu certo. Fui vê-la e as cartas diziam *não e não* a todo momento. Ela procurou respostas em livros, mas eles também não diziam nada. O jogo acabou. Foi muito estranho, porque ela tinha um método que consistia em pôr um dedo sobre uma página e ler o que saísse, mas a todas as perguntas o livro respondia *não, não, não*.

### **E você acreditava nela?**

Não, mas ela não sabia. E ela também não acreditava que podia ver meu futuro, não era tonta. Mas via uma forma de criar um jogo entre uma artista e uma vidente, e ver o que acontecia com esse jogo. Para ela era interessante fazer isso, mas sabia que não, que as cartas não dizem “Eu te vejo no Kremlin”. Ela sabia disso e eu também.

### **E em que você acredita?**

Não sei... Em muitas coisas, mas não nos videntes. Acredito em meus amigos, em mim, na arte, no que faço. Na psicanálise, não sei se acreditar ou não acreditar. É como uma língua que não conheço. Ponto.

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte